

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS  
LICENCIATURA EM FILOSOFIA

LUCAS DE JESUS RIBEIRO DA COSTA

AS VIRTUDES CARDEAIS DA PRUDÊNCIA E JUSTIÇA NA VIDA DE ESTUDOS

ANÁPOLIS – GO

2022

LUCAS DE JESUS RIBEIRO DA COSTA

AS VIRTUDES CARDEAIS DA PRUDÊNCIA E JUSTIÇA NA VIDA DE ESTUDOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Especialista em Docência Universitária, sob orientação do Prof. Me. Gessione Alves da Cunha.

ANÁPOLIS

2022

*Agradeço a Deus por este trabalho,  
bem como meus familiares, meus irmãos de turma,  
meus formadores e diretor espiritual,  
e por todos aqueles que contribuíram  
de algum modo para a conclusão deste.*

*As virtudes são seus frutos;  
ela ensina a temperança e a prudência,  
a justiça e a fortaleza, que são, na vida,  
os bens mais úteis aos homens (Sb 8, 7b)*

## RESUMO

O intelectual é aquele que se debruça no conhecimento das verdades objetivas. As virtudes cardeais são indispensáveis neste processo. Ainda mais as primeiras, são elas: a prudência e a justiça. A Prudência é a mãe de todas as virtudes. A justiça é considerada a mais elevada das virtudes. Foi usado para esse trabalho, o livro de Josef Pieper, "Virtudes Fundamentais", as virtudes cardeais e teologais. Também foi utilizado, a obra "A Vida Intelectual" do Pe. Sertillanges, bem como artigos científicos. Era objetivo aprofundar no como a virtude age na vida do intelectual e viu-se que é admirável, pois, ela potencializa aquilo que há de mais exímio nele. Por fim, é bom para um trabalho futuro, abordar sobre as outras duas virtudes cardeais, a fortaleza e a temperança, ausentes neste artigo.

**Palavras-chaves:** Estudos; Virtude; Intelectual;

## **ABSTRACT**

The intellectual is the one who focuses on the knowledge of objective truths. The cardinal virtues are indispensable in this process. Even more the first, they are: prudence and justice. Prudence is the mother of all virtues. Justice is considered the highest of virtues. It was used for this work, Josef Pieper's book, "Fundamental Virtues", the cardinal and theological virtues. It was also used, the work "The Intellectual Life" of Fr. Sertillanges, as well as scientific articles. The aim was to delve into how virtue acts in the life of the intellectual and it was seen that it is admirable, because it enhances what is most excellent in him. Finally, it is good for future work to address the other two cardinal virtues, fortitude and temperance, absent in this article.

**Keywords:** Studies; Virtue; Intellectual;

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>1 AS VIRTUDES CARDEAIS .....</b>	<b>9</b>
1.1A PRUDÊNCIA .....	9
1.1.1 <i>Mãe das Virtudes</i> .....	9
1.1.2 <i>Docilitas e Solertia</i> .....	10
1.2A JUSTIÇA .....	11
1.2.1A <i>mais elevada das virtudes</i> .....	11
<b>2 O CONHECIMENTO HUMANO .....</b>	<b>13</b>
2.1O CONHECIMENTO SENSITIVO .....	13
2.2O CONHECIMENTO INTELECTIVO .....	14
<b>3 AS VIRTUDE E A VIDA DE ESTUDOS.....</b>	<b>16</b>
3.1A MEMÓRIA FIEL AO SER .....	16
3.3É JUSTO DEFENDER A VERDADE.....	17
3.4A JUSTIÇA E A HIERARQUIZAÇÃO DO SABER .....	18
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>20</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>21</b>

## INTRODUÇÃO

As virtudes são bons hábitos que ordenam o homem para seu fim, que é a felicidade. Acerca disso diz Tomás,

Ora, o de que uma virtude é ultimamente capaz há de necessariamente ser o bem, pois todo mal implica um certo defeito; donde o dizer Dionísio, que todo mal é uma enfermidade. E por isso é necessário que a virtude de um ser seja ordenada para o bem. Logo, a virtude humana, que é um hábito imperativo, é um hábito bom e operativo do bem (AQUINO, 2016, p. 1258)

Segundo Pieper, elas são uma capacidade perfeita espiritual do homem, não no sentido cristão, mas na atividade da alma humana, que é capaz de transcender as situações sensíveis. Estas, são divididas em dois grupos: cardeais e teologais. As primeiras, dizem respeito ao agir humano e por isso podem ser chamadas humanas, visto que, modelam o homem.

Esse grupo é composto de quatro virtudes: a prudência, que pode ser considerada a rainha das virtudes, porque é ela que faz com que o homem aja com mais cautela, tanto para ir contra o mal, quanto para agir bem; a justiça, faz com que se tenha juízos retos, não procurando ganhar vantagem, ou prestígio; a temperança que dá limites ao homem, porque sendo ponderado em tudo o que faz, tira-se o melhor de cada situação, não deixando excessos ou faltas; e a fortaleza, que é capacidade de ter paciência e do saber cair em combate.

Todas as virtudes tem uma relação e uma não excluí a outra, pelo contrário, complementa e ajuda na conquista das demais. O indivíduo que busca uma vida boa, virtuosa, para ser um homem justo, tem que ser prudente para não cair na injustiça, fazendo um mal julgamento; também há de ser corajoso, disposto a cair em combate contra o mal, cotidianamente; e quem é prudente, justo e corajoso, é também moderado, busca aproveitar o melhor de cada situação.

Dando alguma noção acerca das virtudes cardeais, agora é necessário explicitar como que elas irão ajudar no processo do conhecimento, fazendo com que o intelectual que as possui chegue ao êxito de seu fim, que é contemplar a verdade objetiva, ao passo que inclinando-se sobre realidade, alcance a Verdade Absoluta e assim torne-se plenamente feliz.



## 1 AS VIRTUDES CARDEAIS

### 1.1 A PRUDÊNCIA

#### 1.1.1 Mãe das Virtudes

As virtudes são bons hábitos que ordenam o homem para seu fim, que é a felicidade. Acerca disso diz Tomás,

Ora, o de que uma virtude é ultimamente capaz há de necessariamente ser o bem, pois todo mal implica um certo defeito; donde o dizer Dionísio, que todo mal é uma enfermidade. E por isso é necessário que a virtude de um ser seja ordenada para o bem. Logo, a virtude humana, que é um hábito imperativo, é um hábito bom e operativo do bem (AQUINO, 2016, p. 1258)

Segundo Pieper (2018), elas são uma capacidade perfeita espiritual do homem, não no sentido cristão, mas na atividade da alma humana, que é capaz de transcender as situações sensíveis. Estas são divididas em dois grupos: cardeais e teologais. As primeiras, dizem respeito ao agir humano e por isso podem ser chamadas humanas, visto que, modelam o homem. Já as segundas são infusas, ou seja, dadas diretamente por Deus.

Esse grupo é composto de quatro virtudes: a prudência, que pode ser considerada a rainha das virtudes, porque é ela que faz com que o homem aja com mais cautela, tanto para ir contra o mal, quanto para agir bem; a justiça, que faz com que se tenha juízos retos, não procurando ganhar vantagem, ou prestígio; a temperança, que dá limites ao homem, porque sendo ponderado em tudo o que faz, tira-se o melhor de cada situação, não deixando excessos ou faltas; e a fortaleza, que é a capacidade de ter paciência e do saber cair em combate.

Existe uma relação mútua entre as virtudes, uma não exclui a outra, pelo contrário, se complementam e ajudam na conquista das demais. O indivíduo que busca uma vida boa, virtuosa, para ser um homem justo, tem que ser prudente para não cair na injustiça, fazendo um mal julgamento; também há de ser corajoso, disposto a cair em combate contra o mal, cotidianamente; e quem é prudente, justo e corajoso, é também moderado, busca aproveitar o melhor de cada situação.

A virtude moral, como diz Pieper (2018), é aquela que modela o querer e o agir do homem. A sociedade atual, está cada vez mais imersa nos vícios, onde a prática destes é aplaudida ao invés da luta pela conquista das virtudes. Em contrapartida, esses que buscam o bem, são taxados de desperdiçarem a vida por buscarem fazer o que é bom. Nesse contexto, a virtude cardinal da prudência tem sido vista com maus olhos, sendo entendida como covardia,

como um recuar no devido momento, no fugir das situações críticas. Mas a virtude, seja ela qual for, não é para isso

Dito onde a virtude age, agora é necessário mostrar algumas das características da considerada rainha das virtudes.

### *1.1.2 Docilitas e Solertia*

Acerca da virtude da prudência afirma Josef Pieper (2018): “[...], significa pôr fim a orientação do querer e do agir para a realidade objetiva. O que é bom começa por ser prudente; o que é prudente, porém, está em harmonia com realidade” (PIEPER, 2018, p. 21).

Pode-se dizer, partindo da afirmação de Pieper, que a prudência atua como “consciência circunstancial” onde se encontra o uso da consciência moral para a realização de algo. Dessa forma, a primeira das virtudes possui tanto a parte cognoscitiva (intelecção do real), quanto a volitiva (determinação do querer e do agir). Sendo assim, o saber da doutrina moral diverge do saber dessa virtude, já que uma só busca conhecer o que é certo ou errado, enquanto a outra busca realizar o bem sem qualquer espécie de medição.

Existe três aspectos da virtude da prudência para o agir bem. São eles: reflexão, o juízo e a decisão. Os dois primeiros dizem respeito ao caráter cognoscitivo, ou seja, refletir, pensar sobre a realidade onde está inserido, mediante diversas situações. O último diz respeito do caráter diretivo, que é gerado dos outros dois, e por isso só pode estar nessa posição, já que é o que age na realidade. Contudo, quando há falta de um dos primeiros aspectos, é certo que é gerada a indecisão, que é inútil e frustrante, pois acaba por sabotar a decisão por uma impaciência no refletir e no julgar. Posteriormente, será exposto como isso afeta na vida dos estudos.

Aqui vale a pena distinguir os meios pelos quais é possível adquirir a virtude da prudência. O primeiro vem de forma infusa, é o próprio Deus que coloca no homem, com propósito direto de o salvar. A segunda, considerada a “mais perfeita”, é a adquirida, porque ela orienta tanto a si quanto aos outros, não só para salvação como a infusa, mas também para o que diz respeito a vida humana, o que homem faz no exercício de sua liberdade.

É viável explicitar mais profundamente o que é chamado de “prudência cognoscitiva”. Esse caráter possui três pressupostos, sendo eles: memória, *docilitas* e *solertia*.

O primeiro é sobre a memória fiel ao ser, portanto, é a aceitação de como as coisas reais são ou aconteceram, não se deixando levar pela ruína da paixão desordenada que falsifica a

realidade, levando ao que foi dito anteriormente. O segundo aspecto é a docilitas, como diz o autor:

[...] a capacidade de se deixar instruir, capacidade que brota, não de uma vaga modéstia, mas simplesmente do desejo de conhecimento verdadeiro – o que já de resto necessariamente contém a autêntica humildade. A falta de abertura e a suficiência intelectual, são, no fundo, formas de resistência à verdade das coisas reais; ambas assentam na incapacidade de o sujeito conseguir fazer calar o seu “interesse” – condição imprescindível da apreensão da realidade (PIEPER, 2018, p. 28)

É possível perceber pelo que diz Pieper, que a humildade sendo ela porta de entrada a qualquer virtude, é também necessária para obter o pleno conhecimento da realidade, e assim, alcançar a prudência. Portanto, aquele que não possui essa abertura necessária, de abaixar o eu, jamais será capaz de conhecer a realidade objetiva, que na maioria das vezes não ocorre como o esperado. O terceiro e último aspecto, é a *solertia*, que é: a capacidade de reagir diante de uma situação crítica, com uma vontade firme, não deixando-se levar por algum vício, decidido a fazer o bem. Essas são as virtudes do prudente, no aspecto intelectual, ou seja, no bom uso da inteligência e da arte (enquanto operação técnica).

## 1.2 A JUSTIÇA

### 1.2.1 A mais elevada das virtudes

O campo que diz respeito a justiça é muito amplo, e já a partir dessa afirmação é possível ver quão complexas são as questões dessa virtude por serem tantas. No mundo vigente, é fácil compreender que o ser humano está sempre voltado para uma questão relacionada a alguém. O que isto quer dizer? Quer dizer que esse meio de se alcançar um bem, atinge diretamente o outro, é para isto que ela existe, exclusivamente para isso, e é o que será tratado a seguir.

Como foi dito acerca da virtude da prudência, o ser humano está inserido em uma realidade com diversas situações. Ao deparar-se com essa multiplicidade, não é difícil perder-se, desesperar-se. Por que do desespero? Porque o homem vê-se incapaz de controlá-las, de chegar a um pleno domínio em que nunca mais precisará preocupar-se, diante da magnitude e diversidade de suas obrigações.

Veja-se, pois, que, mesmo diante dessas diversas situações, o que interessa a justiça não é simplesmente saber lidar com elas, mas dar ao outro aquilo que é seu por direito diante às circunstâncias. Com isso fica claro que a justiça ordena não somente o sujeito que a pratica, mas também o mundo que o circunda. Se por acaso algo é retirado dessa causa ordenadora ou retido a si, é causa de injustiça. Em contrapartida, isto não pode ser levada em conta acerca das questões de causas naturais, porque estão fora do controle humano.

Após essas breves explicações, o objetivo agora é mostrar de fato o que é a virtude da justiça, e o que ela causa e implica a respeito do seu sujeito, ou seja, o outro. Em outras palavras, será explicitado qual é o dever que deve ser praticado para com o outro, seja ele qual for.

“A justiça pressupõe o direito” (PIEPER, 2018, p. 66), e por isso, vem sempre em segundo lugar, porque já não é um ato justo aquilo que é da pessoa antes de qualquer coisa, como por exemplo o direito à vida. Partindo desse pressuposto, é notório qual é seu objeto, dar ao outro aquilo que lhe convém. Mas para existir este, é necessário vir algo anterior, o dever, porque só a partir dele é possível exercer esta virtude com esmero.

O pertencer algo a alguém tem dois sentidos: “ser devido a” e o “ser próprio de”. O animal irracional, não possuidor de inteligência, é enquadrado na segunda opção, já que não é dono de si e é incapaz de sê-lo, é pertencente a alguém. O direito é posto na primeira proposição, como afirma Pieper: o devido à é: “[...] aquilo que uma pessoa tem o direito de exigir a outra com exclusividade” (PIEPER, 2018, p. 68). A omissão de um ato alheio, como também a difamação, vão diretamente contra esse princípio, porque esses atos vão contra o direito que o outro merece.

Ademais, as outras virtudes cardeais, como a prudência, fortaleza e temperança, estão ligadas ao aperfeiçoamento individual, pessoal, já a justiça é uma virtude exclusivamente para o outro. Como diz Pieper: “O que distingue a justiça do amor é precisamente isto: Na situação de justiça, os homens defrontam-se uns com os outros como separadamente “outros”, quase como estranhos. “A justiça em sentido estrito postula a diversidade do companheiro”. (PIEPER, 2018, p. 76) Portanto, quando não há o outro, não há justiça.

Esse tomar o outro com indiferença deve ser medida, porque em excesso, pode levar ao desprezo do outro.

Dito isto, agora a de ser expresso quem é o objeto da justiça, como ela está instalada em cada um dos atos que o ser humano faz, incluindo o exercício de cada uma das demais virtudes humanas e como funciona sua obrigação.

Ilustra Pieper: “Ser justo é reconhecer a dívida e pagar o que se deve”. (PIEPER, 2018, p. 79) Quem é este para o qual deve ser pago uma dívida? A justiça é praticada sempre em relação à Deus ou a comunidade. Fica claro portanto, que já que esta virtude é para alguém, o exercê-las da melhor forma possível é para o bem comum, e que qualquer falta cometida, é de alguma forma uma injustiça. Por exemplo: o adultério, ou seja, trair o seu cônjuge, não é somente intemperança por ter querido o ato sexual fora do casamento, mas também por não dar o direito da fidelidade que o outro merece.

Por fim, a justiça é considerada a virtude própria para a relação com outro, e isto é de suma importância para o que diz respeito ao intelectual, pois o seu aprendizado não é somente para si, mas também para o outro.

## 2 O CONHECIMENTO HUMANO

Neste capítulo a temática abordada é sobre os dois conhecimentos que o ser humano possui: sensitivo e intelectual. Será exposto acerca de suas propriedades e como se dá esses processos de conhecimento, e as características de cada um.

### 2.1 O CONHECIMENTO SENSITIVO

Diz Mondin sobre o conhecimento sensitivo:

O conhecimento sensitivo é, obviamente, aquele que se obtém através dos sentidos (visão, audição, tato, fantasia etc.). Ele diz respeito às coisas materiais na sua singularidade: os sentidos colhem sempre, de fato, objetos materiais, reais ou aparentes e os tomam na sua singularidade, quer se trate o objeto em seu todo, quer se trate de uma sua parte, de uma qualidade. Assim, por exemplo, vejo essa ou aquela cor, essa ou aquela árvore, não a cor, a árvore. Ouço este ou aquele assobio e não o assobio; imagino esse ou aquele automóvel, mas não o automóvel (MONDIN, 1980, p. 64)

Como dito acima, o conhecimento sensitivo do ser humano, vem dos cinco sentidos; utiliza-se também da fantasia, ou seja, é possível imaginar um objeto que estava em tal lugar, e que não está mais. Com os sentidos é possível reconhecer a singularidade de cada ser vivo e objeto, mesmo que sejam extremamente parecidos.

Pode-se obter o conhecimento sensitivo através de duas categorias: os externos, como explicitado acima, são os cinco sentidos, de fora para dentro (visão, paladar, tato, olfato e audição); e os internos, que se pode chamar de: consciência sensitiva, senso comum, que é a percepção dos sentidos externos, algo de fora que está atingindo diretamente o homem.

Tanto o ser humano quanto o animal irracional, possuem um conhecimento por estimativa, ou seja, ter uma noção do que é bom ou ruim, seguro ou não; nos animais são pelos sentidos, já no ser humano, é pelo discernimento. Sem os sentidos, o homem e a mulher não seriam capazes de conhecer as coisas, pois para o conhecimento ir para o intelecto, passa primeiro pelos sentidos. Um deficiente auditivo não tem as mesmas experiências do que escuta.

Há uma distinção nos sentidos externos: sentidos superiores e inferiores. Os superiores são a visão e a audição, e são assim chamados porque proporcionam uma experiência única, que é a contemplação do belo, como por exemplo, a arte, que se dá tanto visualmente quanto auditivamente; os inferiores, que são o paladar, olfato e tato, não são chamados assim por serem menos importantes, mas, por não proporcionarem uma experiência tão significativa.

Dentro dos sentidos internos do ser humano, há um mais importante, que é a fantasia, pelo fato dela conseguir guardar no intelecto o que passa pelos sentidos externos. Ela é definida como criadora de imagens, e de momentos, que não necessariamente estão presentes materialmente. Ela age na mente, pode reviver o passado várias vezes, pois, ela guarda, cria e repete tudo que aconteceu. Se há uma grande carga emocional nesses acontecimentos, pode haver uma grande facilidade de relembrar tudo que aconteceu anteriormente, tendo em vista de como tal situação tocou a pessoa.

A fantasia possui quatro funções importantes: a estética, a prática, a onírica e a especulativa. A onírica diz respeito aos sonhos, que são imagens que vem no sono, sem o controle do indivíduo. A estética, é uma expressão que alguém transmite através um vestuário específico. A prática, é lógico, que faz com que o indivíduo resolva algo concretamente, como por exemplo um confeitiro, que idealiza um bolo em sua mente, sendo bem específico em que altura vai ter o bolo, que largura, que sabor, que cor etc. A especulativa, diz respeito a ciência e a filosofia, que constroem hipóteses sobre determinadas coisas.

Dentro da fantasia está também a estética, pois como pode-se ver acima, ela é fruto da fantasia. Para entender a estética, pode-se definir o que é a arte. A arte nada mais é do que tudo que é bonito, belo. Se mostra em várias outras manifestações culturais, como na religião, na filosofia, na moral. Ela vai para além da imitação, pois exige criatividade e originalidade, de alguém que esteja inspirado o suficiente para transmitir o que deseja.

## 2.2 O CONHECIMENTO INTELECTIVO

Diz Mondin sobre o conhecimento intelectual:

Além do conhecer sensitivo e do imaginativo, o homem é dotado de conhecer de outro tipo, que não tem mais como objeto o particular, o sensível, o material na sua particularidade e como concretude nos dois casos precedentes, mas sim o universal e o abstrato. [...] O conhecer intelectual é documentado, pela capacidade de julgar e raciocinar. O homem formula juízos, proposições universais, leis gerais, como “os corpos caem”, “o fogo queima”, “o vidro, também é transparente, é impenetrável” etc. O homem raciocina: chega a certas ideias refletindo sobre outras, chega à existência de algo pela existência de outra coisa (MONDIN, 1980, p. 76)

Como dito acima, o ser humano ao passar pelo conhecimento sensitivo buscando compreender as coisas, chega-se à conclusão de que ele não conhece diretamente pelo intelecto, mas antes, pelos sentidos externos. O conhecimento intelectual vai além do sensitivo, pois busca o abstrato e o universal, vai além da matéria que lhe é apresentada, ele questiona sobre a coisa, julga, raciocina, sistematiza o conhecimento que adquiri formando uma ciência, um método.

O ser humano conhece também pelo intelecto, não fica só pela imaginação e pelos sentidos. Por essa faculdade, o indivíduo é capaz de três operações: aprendizagem, juízo e raciocínio; na aprendizagem, a coisa é abstraída pelo intelecto, sendo captada as ideias centrais da coisa, o universal; no juízo, há uma divisão, distinção ou junção, que podem separar ou agregar ideias; e o raciocínio, é apreender uma coisa nova das coisas já vistas, devido a junção dos conhecimentos.

O intelecto pode desenvolver duas funções: a ativa que é o intelecto trabalhando, e a passiva, que é a capacidade que o intelecto possui de abstrair, que se desenvolve a partir do ativo. O conhecer intelectual possui propriedades. Sendo elas cinco: a universalidade, intencionalidade, mundanidade, perspectividade, personalidade e por último a historicidade. A universalidade é a capacidade de entender profundamente a coisa apresentada materialmente.

A intencionalidade, é a capacidade de conhecer outras coisas, com deliberação. A mundanidade é como o mundo tem uma relação com ser humano, podendo atuar em sua consciência. A perspectividade, é a capacidade de compreender superficialmente sobre determinada realidade. A personalisticidade, é o adentrar-se na coisa conhecida, sem reserva. A historicidade, não é só a variação do comportamento humano pelo seu contexto histórico, mas também, sua mudança interior, que se transforma pelas necessidades do homem que são diversas.

Santo Tomás mostra que o ser humano conhece as coisas materiais de duas formas: a primeira é a que para aprender algo, a pessoa tem que ter o seu órgão conhecedor estável, e saudável, pois um deficiente mental, não aprende como uma pessoa que está em seu estado cerebral estável e saudável. Para que uma pessoa possa criar imagens na sua cabeça e na da outra, é necessário que essa esteja ouvindo, saiba ou tenha uma noção do que está sendo exposto.

O ser humano tem consciência de si, pois sabe o que faz, e por isso, possui três tipos de autoconsciência: a concomitante, que diz respeito a que não necessita de nenhum esforço para perceber, pois se sabe que algo está ali só pelo fato de ser visível; a refletida, que é a que o ser humano olha para si e julga suas próprias ações; e a reflexão, que é imaterial e espiritual, pois, refletir sobre o que se esteve fazendo, parte de dentro, de uma necessidade de ordenar o interior.

Em suma, o homem possui dois conhecimentos: o sensitivo e o intelectual; ambos se complementam, pois para este chegar há um conhecimento pleno das coisas superiores a si, é necessário trabalha-los em conjunto.

### 3 AS VIRTUDE E A VIDA DE ESTUDOS

#### 3.1 A MEMÓRIA FIEL AO SER

Começa-se, pois, com que é memória fiel ao ser. Essa memória, como diz Josef Pieper (2018), é o não se deixar levar pelo o irreal, pelo o que a paixão desordenada causa no intelecto, mas ao contrário, é focar no presente, no que pode ser feito agora. O que isso tem a ver com a vida de estudos?

Por exemplo: Um rapaz não tão velho, com seus vinte e cinco anos decide voltar aos estudos após alguns anos estagnado, por ver a necessidade de crescimento tanto pessoal quanto profissional. Porém, necessita de um ponto de partida, porque já não estudava desde de o ensino médio e acabou perdendo a prática, também precisou trabalhar desde então, e não está conseguindo conciliar os dois. Eis a questão: o que deve ser feito nessa situação?

Veja o que acontece: esse rapaz está querendo voltar aos estudos, ou seja, tem um objetivo, meio caminho já está andado. A principal questão, que é ter um ponto de partida, já foi resolvida, o que falta agora é como ele irá trabalhar até a solução do problema.

Em primeiro lugar, ele deve mapear sua vida. Quanto tempo é gasto com cada coisa a ser feita no dia, na semana, no mês, no ano? Dessa forma, a pessoa consegue ter uma noção do que deve ser feito, colocando cada coisa no seu devido lugar, aproveitando cada momento disponível. Em segundo lugar, é necessário, saber como o fazer, não ficar somente no pensamento, algo hipotético, mas antes de tudo, deve ser aplicável.

Esse cronograma deve conter os seguintes aspectos: horário para quase tudo que deve ser feito. O ideal, seria ter três cronogramas. O primeiro há de ser feito no começo de cada mês, para que se tenha uma visão mais ampla. O segundo deve ter um os compromissos da semana, visto que, será confeccionado a cada primeiro dia da semana. O terceiro é diário, o mais laborioso e importante, pois é composto com o que deve ser feito no decorrer do dia, é o que move o seu agora.

Conclui-se, a partir desses pressupostos explanados, que essa organização é feita do geral ao específico. Ora, preocupar-se com o presente, que é algo próprio de quem busca uma finalidade fundamentada na realidade objetiva, tem como resultado o exercício da memória fiel ao ser. Pois, o auxilia no reconhecimento do ser dado a cada coisa do seu dia a dia, que será que hierarquizado pela virtude da justiça da qual será falado mais adiante.



### 3.2 DOCILITAS E O AGIR DO INTELLECTUAL

Sobre a *docilitas* escreve Pieper: é uma “[...] capacidade de se deixar instruir, capacidade que brote, não de uma vaga modéstia, mas simplesmente do desejo de conhecimento verdadeiro – o que de resto necessariamente contém a autêntica humildade”. (PIEPER, 2018, p. 28).

Aqui está o que há de mais importante numa vida dedicada aos estudos: a capacidade de deixar-se instruir. O que isso implica? Porque somente o que é capaz de ter essa docilidade progride sem muitas dificuldades na vida intelectual? Responder essas perguntas não é tão fácil quanto parece, porque a própria natureza do homem tende para o outro lado, para a autossuficiência.

A docilidade não significa a ausência de obstáculos, da mesma forma, não é aceitar tudo que os outros falam. Ser dócil vai além de uma atitude superficial e passiva de ouvir o que o outro tem a dizer, mas o de saber aplicar aquilo na própria vida, inscrever tudo no seu próprio ser. Isso exige um processo doloroso, não deixando-se levar por uma espécie de revolta doentia que fecha a abertura às correções.

Só para ilustrar. O ser humano possui potências, ou seja, têm capacidades para algo. Veja que algo ainda não é enquanto está nessa fase, já que ser capaz não é a mesma coisa de fazê-la. Ao perceber esse curioso detalhe, é possível reconhecer que alguém tenha passado pela mesma coisa, ou seja, alguém experiente, e se esta está disposta a ajudar, é de grande proveito para quem está disposto a aprender.

Essa abertura ao conhecimento Sócrates expressa de uma forma magnífica: “Parece, pois, que eu seja mais sábio do que ele, nisso ainda que seja pouca coisa: não acredito saber aquilo que não sei”. (PLATÃO, 2000/2003, p. 8). Aqui não é um olhar mau para si, um olhar baixo que leva a estagnação, pelo contrário, é a partir disso que a capacidade que está adormecida dentro da pessoa venha a ser incomodada, de tal forma, que não se aceite como está, mas a faz querer crescer a cada nova aceitação da correção.

### 3.3 É JUSTO DEFENDER A VERDADE

Sobre a justiça, tratada no primeiro capítulo, pôde ser visto que ela diz respeito diretamente ao outro, sendo assim, o intelectual tendo essa virtude em exercício, não deve estudar e se debruçar sobre a verdade somente para si. Sendo assim, neste ponto a de ser analisado como essa virtude, considerada uma das mais elevadas, pode contribuir e até dar o sentido da vida deste que busca à verdade das coisas por meio do estudo. Qual é o dever do intelectual para com outro? Qual deve ser sua intenção?

Diz Sertillanges: “É preciso ter uma alma muito forte para trabalhar sozinho!” (SERTILLANGES, 2019, p. 65). Com esta afirmação, é possível perceber que aquele que busca a excelência na perspectiva intelectual, nunca deverá vê-se só. A respeito disto continua Sertillanges: “Ser sozinho toda uma sociedade intelectual, ser seu próprio estímulo e apoio, encontrar em um pobre querer isolado tanta força quanto pode haver num movimento de massa ou na dura necessidade, é um verdadeiro heroísmo!” (SERTILLANGES, 2019, p.65).

Expõe Sertillanges: “A vida real é uma na unidade, uma vida familiar imensa que tem a caridade por lei: se o estudo almeja ser um ato vital, não uma arte pela arte ou pura abstração, deve deixar-se reger por essa lei da unidade cordial”. (SERTILLANGES, 2019, p. 33). “Pronto!” Com estas palavras é dito perfeitamente a finalidade do que o estudante tem que ter para si. Todo e qualquer estudo deve ter por finalidade retirar o outro da ignorância.

Veja, conforme diz o Aquinate: "A perfeita felicidade consiste na contemplação da verdade". Ora, se a felicidade provém do conhecimento das realidades objetivas, então, somente o que busca conhece-las chega a tal contemplação. Por outro lado, o que desconhece essas verdades, nunca chegará a ter uma vida plenamente feliz. Outrossim, afirma o Filósofo em sua Metafísica: “Todos os homens, por natureza, tendem ao saber” (1.1.). Sendo assim, se todos possuem a inclinação para conhecer, somente aquele que se debruça ao estudo será capaz de ser humano. Dito isso, aquele que ensina está praticando a justiça para com outro, pois com o ato de lecionar restaura naquele que aprende a sua natureza e o dignifica.

Não é somente justo ensinar a verdade, como também defendê-la. Pois bem, se a contemplação da verdade leva felicidade, e a partir desta é dada dignidade ao homem, é necessário que haja essa defesa para que então, ele chegue ao exercício pleno de sua natureza, que é muita das vezes manchada pela ignorância que o faz cair no erro.

### 3.4 A JUSTIÇA E A HIERARQUIZAÇÃO DO SABER

Além desta necessidade do ser humano de relacionar-se com o outro, e é para isto que o intelectual deve caminhar, agora cabe distinguir dois objetos do saber que direcionam a ação deste que busca à verdade das coisas, para que haja uma ordem sólida. São eles: A arte e a ciência.

A arte na visão grega é a técnica, o saber fazer algo, como diz Reale no comentário à Metafísica de Aristóteles (REALE, 2015). A ciência é um conhecimento desinteressado, que não visa nenhum ganho, em outras palavras, busca o saber pelo saber. Qual é a diferença entre elas? É a seguinte: enquanto uma visa a técnica, debruça-se acerca da matéria, coisas úteis,

mutáveis, a outra, interessa-se acerca das coisas eternas e imutáveis da realidade, ou seja, aquilo que é em si mesmo.

O homem age para fazer algo. Acerca disso diz Pieper: “A “obra” da operação é a coisa de natureza técnica e artística. A “obra” da ação somos nós mesmos” (PIEPER, 2018, p. 45). Com essa afirmação de Pieper, chega-se à seguinte questão: se o agir do homem é para constituir alguma coisa, o que deve ser esse objeto? E se a matéria é corruptível, passível de mudança, são nestes que ele deve fundamentar sua busca? O que cabe ao intelectual?

Para responder essas questões é necessário discutir acerca dos níveis do conhecimento científico, ou seja, especular sobre o saber desinteressado. São eles: o sensível, matemático e metafísico ou teológico. Quando se fala de física, diz respeito a um conhecimento teórico, porque é racional, que discorre sobre os seres que se movem ou que estão em repouso, e é claro, ligados a matéria. A matemática é também ciência teórica, e para o Estagirita ainda não está claro, se essa ciência trata sobre coisas imóveis e materiais. Como por exemplo, a forma de um retângulo que está dada em uma mesa, e não fora da matéria no mundo das ideias como diz Platão. Teologia, essa é a ciência mais sublime de todas. Aristóteles a coloca como filosofia primeira, não como a física, nem como a matemática, pois ela diz sobre realidades sublimes, imóveis e imateriais. Ela é mais elevada não por discorrer sobre as coisas separadas, mas porque seu objeto de conhecimento é mais elevado, é universal (REALE, 2015).

Discutido acerca dos níveis do conhecimento sensível, agora cabe saber o que a virtude da justiça tem a ver com tudo isto.

Como dito anteriormente, é justo aquele que pratica a justiça, e a prática desta consiste em dar ao outro o que é seu por direito. Sendo assim, o intelectual tendo por guia essa virtude, deve conscientizar-se de que há coisas mais importantes do que outras a serem estudadas porque existe um processo gradativo nas coisas, que deve ser aplicada não somente na vida de estudos. Para tudo que existe há uma causa, logo, o intelectual não é aquele que faz as coisas sem sentido, possuidor somente da arte, do saber manusear suas ferramentas, mas busca em primeiro lugar o porquê daquilo, a causa, fundamentando-se na razão de ser das coisas feitas, ou seja, de sua razão de ser. Portanto, não é tudo que convém ao intelectual. Diz Sertillanges: “[...] o que importa para a memória é menos o número de suas aquisições do que sua qualidade, em primeiro lugar, sua ordem, em segundo, e por fim sua habilidade em utilizá-la” (SERTILLANGES, 2019, p. 159).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que motivou este trabalho é o fato de que o mundo de hoje, infelizmente, vê o intelectual como uma figura chata, que perdeu o sentido da vida, gastando seu tempo com uma coisa “inútil”, o estudo. A juventude atual, não vê a necessidade de cultivar a estudiosidade, pois querem viver somente nas paixões mais baixas do homem, não buscando uma vida feliz. Por isso foi necessária tal abordagem.

A virtude da prudência, como o explicitado, é importante para a vida do ser humano como um todo. Esta é conhecida como aquela que ordena à vontade por meio da inteligência, e quanto o intelectual, exercendo seu papel, utiliza-se destas faculdades tão sublimes do homem. Coisas que os animais irracionais e aqueles que querem assemelhar-se com eles são incapazes de fazer. Portanto, foi dito o quanto ela tem a acrescentar e formar bem aquele que quer doar-se, debruçar-se nos braços da sabedoria, focando no que deve ser feito, para não perder tempo e reconhecer quão os mestres colaboram com o aprendizado.

Foi dito também, sobre a virtude da justiça, aquela que unida a prudência, é capaz de ordenar todas as coisas. Com efeito, o intelectual não deve saber quando fazer cada tarefa, como também de que maneira devem ser feitas. É nisto que esta virtude ajuda. Logo, saber o que estudar e o motivo pelo qual estuda-se tal coisa, é tão importante quanto ter a vontade ordenada pela inteligência. Pois, não é de muito ganho querer conhecer algo sem sentido, ainda mais se aquilo não irá levar a lugar algum, colaborando com a chegada de uma grande frustração pela perda de tempo.

Em suma, há muitas outras coisas a serem tratadas acerca do intelectual e de sua relação com as virtudes cardeais, pois neste artigo foram somente as duas primeiras. Por conseguinte, ainda pode se abordar a *fortaleza* e a *temperança*, porque ambas têm muito a acrescentar às outras duas passivamente explicitadas. Contudo, após esta breve exposição, pôde ser percebido o grande problema que o intelectual enfrenta. De não somente ser taxado de “ultrapassado” ou até mesmo de “aquele que desperdiça a vida”, mas da grande e difícil tarefa de conduzir e deixar-se conduzir pelo estudo que muitas das vezes torna-se árido, a verdade que o leva à sua plena felicidade.

## REFERÊNCIAS

- PIEPER, Josef. **Virtudes Fundamentais**: as virtudes cardeais e teologais. 2º reimpressão. ed. São Paulo: Cultor de livros, 2018. p. 526 v. 1.
- SERTILLANGES, Antonin-Dalmace. **A Vida Intelectual**: Seu espírito, suas condições, seus métodos. 1º edição. Campinas-São Paulo: Kírion, 2019. p. 217 v. 1.
- MONDIN, Battista. **O Homem, Quem é Ele?** Elementos de Antropologia Filosófica. 17º reimpressão. ed. São Paulo: PAULUS, 2017. p. 331 v. 1.
- GARDEIL, Henri-Dominique. **Iniciação à Filosofia de São Tomás de Aquino**: Psicologia, Metafísica. 1º reimpressão. ed. São Paulo: Paulus, 2018. p. 543 v. 2.
- REALE, G. **Aristóteles: Metafísica**. Texto grego com tradução ao lado. Vol. II. São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- REALE, G. **Aristóteles: Metafísica**. Vol. III. São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- SANTOS, Marcos Eduardo Melo dos; SILVA, Susana Aparecida da. **Comentário à Metafísica 1,1 de Aristóteles: os graus de conhecimento e o aprendizado**. [S. l.], 2016. Disponível em: <http://docplayer.com.br/23269222-Comentario-a-metafisica-1-1-de-aristoteles-os-graus-de-conhecimento-e-o-aprendizado.html>. Acesso em: 3 de nov. 2022.
- CARVALHO, J. **Introdução à metafísica de Aristóteles**. Coimbra, novembro de 1950. Disponível em: <http://www.joaquimdecarvalho.org/artigos/artigo/156-Introducao-a-metafisica-de-Aristoteles-/pag-1>. Acesso em: 3 nov. 2022.
- PLATÃO, **Apologia de Sócrates**. Pará de Minas – MG: Virtual Books Online M&M Editores Ltda, 2000/2003.